



DOSSIÊ: EDUCAÇÃO PARA A PAZ

## Por uma ética do encontro: o eu para o outro

*For an Ethics of the Meeting: I to the Other*

**José Neivaldo de Souza<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9447-0967](https://orcid.org/0000-0001-9447-0967)  
[neivaldo.js@gmail.com](mailto:neivaldo.js@gmail.com)

**Recebido em:** 08/06/2021.

**Aprovado em:** 20/07/2021.

**Publicado em:** 17/09/2021.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é trazer uma reflexão considerando o encontro como um pressuposto fundamental na formação ética do cristão. Para tanto, é preciso diferenciar os conceitos "Pessoa" e "indivíduo" passo importante para pensar as relações do encontro. O "eu" enquanto pessoa, difere-se do indivíduo, na medida em que é capaz de se dividir e dialogar com o outro: Deus, si mesmo, semelhante e natureza. Como pensar uma ética que inclua o encontro como lugar do diálogo e da construção de uma sociedade mais justa e fraterna? Eis a pergunta que norteará este artigo. É preciso formar uma consciência cristã, mais crítica, em diálogo com a realidade individualista e egocêntrica na qual nos encontramos. O método utilizado considera a observação sobre as dificuldades do encontro; a orientação bíblico-teológica como luzes a iluminar o encontro e a busca de atitudes essenciais para o bom relacionamento e do bem-viver. São diversas as referências, porém procuramos aquelas mais ligadas ao pensamento personalista cristão e que tratam de abordar a pessoa como ser de encontro e diálogo.

**Palavras-chave:** Ética. Encontro. Relação. Pessoa. Diálogo.

**Abstract:** The objective of this work is to bring a reflection considering the encounter, a fundamental presupposition in the ethical formation of the Christian. For this, it is necessary to differentiate the concepts: Person and individual important step to think the relations of the encounter. The "I" as a person, differs from the individual, because it divides and dialogues with the other: God, himself, the simile and nature. How to think an ethic that includes meeting as a place for dialogue and for building a more just and fraternal society? Here is the question that will guide this article. It is necessary to form a more critical Christian conscience, in dialogue with the individualistic and egocentric reality in which we find ourselves. The method used considers the observation about the difficulties of the meeting; the biblical-theological orientation as lights to illuminate the encounter and the search for attitudes essential for good relationship and well-being. There are several references, but we look for those more linked to Christian Personalist Thinking and that try to approach the person as being of encounter and dialogue.

**Keywords:** Ethics. Meeting. Relationship. Person. Dialogue.

**Resumen:** El Objetivo de este trabajo es traer una reflexión considerando el encuentro como un supuesto fundamental em la formación ética del cristiano. Para ello, es requerido diferenciar los conceptos "Persona" y "individuo", un paso importante para pensar en las relaciones del encuentro. El "yo" como persona se diferencia del individuo en que es capaz de dividirse y dialogar con el otro: Dios, él mismo, semejante y naturaleza. ¿Cómo pensar en una ética que incluya el encuentro como lugar de diálogo y construcción de una sociedad más justa y fraterna? Esta es la pregunta que guiará este artículo. Es necesario formar una conciencia cristiana, más crítica, en diálogo con la realidad individualista y egocéntrica en la que nos encontramos. El método utilizado considera la observación sobre las dificultades del encuentro; la orientación bíblico-teológica como luces para iluminar el encuentro y la búsqueda de actitudes esenciales para la buena relación y el bienestar. Hay varias referencias, pero buscamos aquellas que están más ligadas al pensamiento Personalista cristiano y que intentan acercarse a la persona como un ser de encuentro y diálogo.

**Palabra clave:** Etica. Encuentro. Relación. Persona. Diálogo.



<sup>1</sup> Pesquisador Autônomo, Curitiba, PR, Brasil.

## Introdução

O filósofo israelita Martin Buber, em sua obra *Eu e Tu*, observou que no face a face o eu se torna ser de encontro e, no tu se realiza (BUBER, 2001). Em uma perspectiva teológica, podemos dizer que o encontro é a arte de acolher o outro, não só como "semelhante", mas como o diferente que deseja ser acolhido e respeitado em sua diferença. Em uma cultura onde se acentuam os desencontros, entendidos como apatia, preconceitos e exclusão do diferente, é preciso pensar uma ética que considere o outro em sua diversidade. Sem diálogo, que considera e respeita as diferenças, torna-se difícil fortalecer valores fundamentais às relações sociais. Neste sentido, indivíduo e pessoa são dois conceitos a serem considerados em uma discussão acerca do encontro.

A palavra latina "*individuus*" significa indivisível, o que não se divide. Não há problema com este conceito quando pensamos o ser humano como único, idêntico a si mesmo. O que se coloca em debate é o indivíduo que, sem abertura ao outro, diferente de si, adere a um modo de estar no mundo onde prioriza-se o individualismo à individuação. Individualismo não quer dizer autonomia, pelo contrário, é uma forma autárquica de governar a si sem considerar o outro, a diversidade de pensamentos e o diálogo. Nesta condição, o encontro torna-se limitado, superficial e autoritário.

O conceito "Pessoa", considerando as reflexões que, ao longo da história, contribuíram para o fortalecimento da democracia política e religiosa, nos parece mais provocativo em uma reflexão sobre o encontro. Pessoa, no grego antigo, significa o que no latim chamamos de *Persona*. O teatro grego usava uma técnica de comunicação com o objetivo de atingir o público e este trabalho se dava através do *Prósopon* ou *máscara*. Neste artifício se dava o encontro entre o ator e o espectador. Para o grego, a vida era um grande espetáculo. O latim traduziu por personalidade, o papel que o sujeito interpreta na sociedade a fim de produzir laços de amizade e confiabilidade. Para Battista Mondin (1991, p.

464), este conceito marca historicamente a linha entre a cultura pagã e o cristianismo. Na Patrística Latina, sobretudo Tertuliano, Hilário e Agostinho propagaram o uso técnico do termo tomando-o como princípio ôntico da Santíssima Trindade, substituindo assim o seu significado puramente funcional (STUDER, 2002, p. 147). À imagem da Trindade, a pessoa se abre ao encontro, assim como o Filho, aberto ao encontro com o Pai, comunica a verdade e, os dois, no mesmo Espírito, resgatam a humanidade das trevas e do caos. Na perspectiva cristã, o termo "pessoa" está ligado à história da salvação.

Severino Boécio lançou mão deste conceito e, no século V o definiu como uma "substância individual de natureza racional" (BOECIO, 1979, p. 375). A racionalidade faz com que na *hipóstase*<sup>2</sup> haja esta abertura para aprimoramento do ser humano. Sem perder sua identidade, mais do que a individualidade, a razão se abre à potencialidade do diálogo. O "eu", idêntico a si mesmo, se dirige ao outro enquanto "tu", envolvendo-o em sua existência como ser digno de ser acolhido, ouvido e cuidado. O Documento do Concílio Vaticano II, *Gaudium Spes* (n. 27), orienta a cada pessoa a respeitar o próximo como "outro eu".

Emmanuel Mounier (1992, p. 210) diferencia os dois conceitos observando que o regime humano e social, que se funda sobre a pessoa, se opõe a um individualismo declinante ou a um culto que se presta a um herói ou super-homem. Para ele, a pessoa não pode ser tomada como meio, seja por outra pessoa ou comunidade, já que o impessoal é a matéria ou a dispersão da pessoa. O indivíduo, segundo ele, é a alegria gananciosa dessa dispersão, o amor narcísico das singularidades que a ninguém interessa senão a ele mesmo. Pessoa, para Mounier (1992, p. 2011), é autonomia, escolha, formação, conquista de si mesmo. Prefere o risco do amor, da doação ao outro, às comunidades onde se revela, à proteção dos próprios interesses limitados à materialidade da carne.

Nesta direção, conduzimos nossa reflexão: pessoa demanda relação, reciprocidade e diálogo

<sup>2</sup> Nas controvérsias cristológicas, dos primeiros séculos, o termo, de origem grega, designava "substância" ou "natureza". União hipostática: na pessoa de Cristo fundem-se natureza divina e humana.

go! Dois "eus" fundindo-se na busca de sentido, apesar das divergências, interessando-se por um espírito crítico das relações. O objetivo deste escrito é repensar, a partir deste debate, as relações essenciais ao encontro: eu-outro.

### 1 O Eu-Outro divino

Ao "eu" nada lhe escapa quando se identifica na alteridade, nem mesmo a certeza judaico-cristã de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, Uno e Trino. Ela se impõe e, simultaneamente no encontro espiritual, é interiorizada, exteriorizada e objetivada; comunica o mistério, a revelação do totalmente "Outro". É o universal que unifica na diversidade; a unidade que, na pluralidade, facilita o encontro e as produções de valores interpessoais. Severino Boécio o identificou assim: "O Pai não é o Filho, e o Espírito Santo não é o Pai e nem o Filho. No entanto o Pai, o Filho e o Espírito Santo são o mesmo Deus, na relação de justiça, bondade e grandeza" (BOÉCIO, 1979, p. 377). É neste movimento de autotranscendência, de liberdade consciente e responsabilidade, que a pessoa é "chamada a sair de si para relacionar-se com o Outro e os outros" (FORTE, 2003, p. 54).

Teólogos medievais entendiam, a partir da relação divina, que há infinitas formas de relacionar-se com a transcendência e, entre elas, a oração e a contemplação. Para Mestre Eckhart, a oração é um dos lugares privilegiados no encontro com Deus e com os irmãos, pois nela podemos trabalhar pela renúncia de si e acolhida do Outro. É no esvaziamento do um e que se dá o preenchimento do Outro (SOUZA, 2010, p. 99). Tomás de Aquino, na interpretação do pensador neotomista Batista Mondin, entendia que a pessoa é uma modalidade do Ser e, por isso, na ótica da perfeição, ocupa um grau superior. É enquanto pessoa que o "eu", na contemplação, se encontra com o Outro e se relaciona com ele na busca de plenitude e excelência (MONDIN, 1991, p. 465). É nesta dimensão do esvaziamento que se dá o encontro, por isso é importante, à luz da racionalidade, repensar a "inspiração" da Sagrada Escritura em uma perspectiva do diálogo. Ronaldo Muñoz observa que a "tradição de Deus",

por consequência de uma leitura individualista da Bíblia, tornou-se confusa. Para ele, "não nos basta traduzi-la literalmente para nossa língua viva e aplicá-la mecanicamente à novas situações e experiências" (MUÑOZ, 1986, p. 67). A tradição da fé chega através de testemunhos: "movimento de autotranscendência da pessoa humana" que em diversas culturas, costumes e mentalidades remotas se envolve "na relação de justiça, bondade e grandeza" (BOÉCIO, 1979, p. 376-377).

Na experiência da autotranscendência o "eu" é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da "Palavra". Essa teologia tem seu eco na sociologia de Peter Berger (1985, p. 37). Para ele, é nesta "qualidade de ser" que a "socialização se evidencia e obtém êxito". O encontro com o Outro, é, a um só tempo, inspiração e expiração. No Texto sagrado se encontram o autor, o leitor e espírito que os une. A "inspiração" não é unilateral, exige do leitor, à luz da fé, reflexão e assimilação da ideia de um Deus que, em sua personalização trinitária, deseja que todos tenham acesso a sua mensagem de salvação e que "tenham vida em abundância" (Jo 10,10).

A fé, mais que convicções individuais, exige abertura e consciência crítica diante da autoridade daqueles que fizeram a experiência da autotranscendência. Deus não pode ser negociado e mercantilizado, favorecendo a um individualismo que nada almeja a não ser poder e riqueza. Assim, a relação que deveria ser dialogal e de comunhão acaba se fechando tornando-se alimentadora de pensamentos fanáticos, exclusivistas e sem sentido. Nesta direção escreveu Rubem Alves (2015, p. 35):

A honestidade dos estúpidos é mil vezes mais perigosa que a mentira dos inteligentes. É da honestidade dos estúpidos que surgem os fanáticos. Os fanáticos são pessoas honestas que acreditam nos seus pensamentos e nada os dissuade de seu caminho. E porque acreditam na verdade dos seus pensamentos, tudo fazem para destruir aqueles que têm ideias diferentes.

Este tipo de comportamento, em que o "eu" produz a imagem de Deus a seu bel-prazer, ignorando a alteridade e a vida, abre espaço para o desencontro e a adoção de um ser violento, dado ao ódio e ao sacrifício. Frédéric Lenoir (2011, p. 201) constata que há no mundo moderno uma

emancipação do indivíduo em relação à coletividade. Os indivíduos "têm acesso a uma considerável oferta religiosa em que se empenham livremente, de acordo com suas necessidades". No mercado religioso há ofertas de "verdades absolutas" que se conformam aos interesses de indivíduos ou grupos e que favorecem uma cultura da violência e da guerra, como aponta Juan Antônio Estrada (2007, p. 66): "a violência religiosa é particularmente perigosa porque nela converge a pretensão de verdade absoluta já que se age em nome de Deus, e pela pressão de uma intensidade emocional dificilmente comparável com outras instâncias".

Deus cria o ser humano ou o ser humano cria um ser superior para os benefícios próprios? Lenoir (2011, p. 51) observa que a maioria dos profetas do Primeiro Testamento se deram mal porque denunciaram as instituições que usavam e abusavam das "verdades absolutas" em favor de um poder despótico, incapaz de harmonizar poder e vida. O conflito de Jesus não foi com o judaísmo, mas com o poder religioso que induzia a uma fé ingênua, fechada ao Outro: justo, bom e amoroso. As autoridades religiosas da época de Jesus, fechadas ao mistério, não podiam compreender a revelação, "uma mensagem tão revolucionária" (2011, p. 51).

Jesus exterioriza Deus, na mesma medida que o interioriza, revelando o reino de justiça e amor. O filósofo italiano Gianni Vattimo (2018, p. 101) deduz que o seguidor de Jesus deveria assumir esta mesma postura, de revelar o grande mistério. No encontro com o Outro, contemplando a pessoa de Jesus, o "eu" se torna ser-para-os-outros: "um anarquista não violento, como um desconstrutor irônico das pretensões das ordens históricas, guiadas não pela busca de uma comodidade maior para si, mas pelo princípio da caridade para com os outros".

A partir da experiência de Jesus e do testemunho de seus seguidores se compreende a verdade sobre o Outro que se doa e acolhe. É ele que apresenta o rosto de Deus e provoca uma nova relação de conhecimento e cumplicidade. Nele, Deus "é o que é". O teólogo belga, Adolphe Gesché (2005, p. 29) acentuou isso: assim como

Jesus, o seu seguidor deve deixar Deus "ser o que é" (Javé) invés de transformá-lo em produto dos fantasmas do eu: "O Outro, absolutamente outro não limita a liberdade do Mesmo. Chamando-o à responsabilidade, *ele o instaura e o justifica*". Deus, "Aquele que é", abre espaço para que o outro seja.

Ao perguntar: de que Deus se trata? A resposta deveria ir em direção a Jesus. Não é um Deus legalista e punitivo, ávido por sangue, ou um ser passivo disposto a atender interesses individuais ligados ao poder e à riqueza humana. Karl Barth falava da abertura na existência humana, a partir de Jesus: "abertura que foi descoberta por ele em toda a sua profundidade e que se encontra referida ao Deus da Bíblia como o seu cumprimento último, insuperável" (PANNEBERG, 2002, p. 59). O Deus de Jesus se abre à criatura. Ao falar de Deus, o ser humano pode falar de si próprio, como bem observou Gesché (2004, p. 9): "em todo caso é-nos dito que em alguém, Deus e o ser humano se encontraram" É impossível dizer que ama a Deus que não vê e odeia o próximo que vê (1 Jo 4,20).

## 2 O Eu-Si mesmo

Faz pensar o versículo bíblico no qual Jesus responde aos fariseus sobre o mandamento do amor (Mt 22,37-40). Segundo Mateus, um especialista em leis coloca Jesus à prova e o questiona sobre o maior mandamento da Torá. Ao perceber a malícia dos detratores, Jesus responde:

*Amarás o Senhor, o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.*

Chama atenção o segundo mandamento, semelhante ao primeiro: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22,39). A ideia parece absurda, se considerar que a condição para amar o outro é amar a si mesmo e, mais ainda, em uma perspectiva teológico-cristã, compreender que este amor é de origem espiritual. Para José Comblin (1980, p. 23) onde não há esta reciprocidade, sob a dinâmica do Espírito Santo, há o risco do "amor ao próximo" se tornar "um instrumento

de dominação e de exploração" daqueles que interpretam a Lei de Deus.

Em uma sociedade onde se cultiva o "amor-próprio" cabe perguntar sobre o tipo de sentimento mencionado por Jesus. Certamente não é o amor egóico, produzido por indivíduos que, na necessidade de autoafirmação, se fecha aos valores alheios. A compreensão do "amor-próprio" parte da pessoa que, ao saber do próprio valor, "ama a si mesma e possui as bases para agir com generosidade em relação ao próximo" (MAY, 1971, p. 83). O ser humano é o que ele faz de si mesmo.

Conhecer a si próprio é condição primeira para que o "eu" conheça o outro e, sem a consciência do seu potencial, da sua inteligência, dos seus sentimentos e das suas emoções, torna-se incapaz de enxergar com clareza a realidade à sua volta, pois, como bem escreveu Rubem Alves: "Somos as coisas que moram dentro de nós. Por isso, há pessoas tão bonitas, não pela cara, mas pela exuberância de seu mundo interior" (ALVES, 2015, p. 220).

Em uma perspectiva cristã, é importante que o conceito "amor-próprio" seja compreendido como ato libertador. Consciente das próprias limitações, mas também sabedor da capacidade de transcendência, a pessoa humana busca vencer as forças da autodestruição, como bem apontou Adolphe Gesché: "Nós nos afirmamos e confirmamos à medida que procuramos sempre ir para além mesmo do que já nos é dado. Somos desta terra, mas isso mesmo supõe uma flecha de transcendência" (GESCHÉ, 2005, p. 70). A ideia de "amor-próprio", nessa perspectiva, está ligada à outra ideia, a do "ser criado". E uma compreensão espiritual, a pessoa se abre ao amor, à imagem do amor criador.

O segundo mandamento é idêntico ao primeiro. O "eu" é um ser que interioriza e aprende, de fora, a relacionar consigo mesmo. Amar o outro na mesma medida em que se ama tem na raiz a certeza de que a criatura amada, foi visitada e considerada em sua pequenez. Sem o amor a si mesmo, imagem do amor criador, é impossível cuidar dos outros e da natureza.

Jung fora acusado de perverter a psicologia ao tratar do "si mesmo" ou *self* como *Imago Dei*, isto é, o lugar do mistério, daquilo que é o mais íntimo

e total do ser humano, capaz de produzir deuses e demônios, o bem e o mal. A sua linguagem não cai na religiosidade ao abordar a pessoa no encontro com o que há de mais absoluto de si mesma, a totalidade. Para ele, é no processo de "individação", não individualização, que a pessoa se torna "única": "Podemos, pois, traduzir 'individação' como 'tornar-se si mesmo' (*Verselbstung*) ou 'o realizar-se do si mesmo' (*Selbstwerwirklichkeit*)" (JUNG, 1978, p. 49). O ego se encontra com o *Self* e, neste confronto, se transforma, podendo se reconhecer e se realizar ou se desconhecer e se esquivar. A renúncia egóica é um encontro com a morte.

Em seu conto "O Sonho de um homem ridículo", Fiódor Dostoiévski (2017), trata deste confronto: um homem pensa sua existência como falta de sentido. Tudo lhe é indiferente. Vem à mente ideia de tirar a própria vida. Na rua encontra uma menina que lhe pede socorro, mas ele a ignora. Entra em seu quarto pega o revólver, mas o cansaço o faz adormecer e sonhar. No sonho ele atira no coração. Vê o próprio sepultamento e, sob a terra, conta as gotas d'água que caem da fresta do caixão. De repente a terra se abre, surge uma criatura que o conduz a uma viagem espacial e o deixa em um planeta. Lá havia pessoas felizes. Elas não se importam com o "saber" viver, queriam viver simplesmente amando e respeitando a natureza e as pessoas que prezam pela verdade, a bondade e justiça. Ali o paraíso deu certo. Mas este homem, habituado na terra, espalha mentiras e enganação, fazendo surgir o orgulho, a dor, a injustiça, o ódio, o crime e a morte. As pessoas começam a inventar a ciência, as leis, o cárcere e a guilhotina. Desperto do sonho, ele decide pela vida e começa a anunciar a verdade. Sai à procura da menina na certeza de que, para amar os outros é preciso amar a si próprio.

O conto do escritor russo faz pensar. Atolando-se no egoísmo e na falta de sentido o "eu" se engana e se isola. Exteriorizar o amor, para ele, se torna algo ridículo, em uma realidade que se diz sadia e dona da verdade. Voltando à narrativa Marcos, Jesus percebeu esta realidade, se confrontou com o especialista da lei e com todo sistema político-religioso de sua época.

Pregar é uma coisa, viver é outra. Na parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37), Jesus mostra que o "amor-próprio" se projeta na relação com o próximo. Um samaritano, considerado estrangeiro pelos judeus, teve misericórdia de alguém que fora espancado, espoliado pelos assaltantes e deixado quase sem vida à beira da estrada. O sacerdote e o levita, na concepção de Jesus, não fizeram diferente dos agressores, pelo contrário, foram coniventes com a violência e com a falta de cuidado. O samaritano se importou. Encarregou-se de levar o ferido a uma hospedaria e pagou a despesa. Ele fez ao outro o que gostaria que fizesse a si. É a atitude, segundo Comblin (1980, p. 60), de quem nada possui a não ser o amor de Deus; um amor que se direciona para "o que está mais baixo, mais desprovido de recursos". Que tipo de "amor-próprio" expressa o sacerdote, o levita e o samaritano?

Refletir sobre os mandamentos, apresentados por Jesus aos fariseus, ajuda a trilhar o caminho do "amor-próprio". Não um amor acomodado que leva ao descaso e ao preconceito, mas um doar-se que não teme a batalha.

### 3 O Eu-Próximo

Percebe-se, não só no âmbito familiar, mas no trabalho e nas relações sociais, o quanto é desafiador amar ao próximo. Falar é fácil! Há um abismo entre o discurso e a prática e Jean-Paul Sartre sabia bem das limitações: "o inferno são os outros" (SARTRE, 1987, p. 83). As atitudes, em relação à realidade, principalmente com os mais vulneráveis, carecem de cuidado e respeito mútuo. O ensinamento de Jesus, ao interpretar o segundo e maior mandamento da Lei de Deus é: ame, abençoe, não revide com violência, não seja indiferente com os necessitados (Lc 6,27-30). O amor ao próximo deve refletir o amor-próprio. Rollo May, ao ler Sören Kierkegaard, disse: "Se a pessoa não aprender com o cristianismo a amar a si mesma de maneira correta também não poderá amar aos seus semelhantes... Amar a si mesmo corretamente e aos semelhantes são conceitos absolutamente análogos e, no fundo, são idênticos (MAY, 1987, p. 83).

Emmanuel Mounier (1948) associava a dinâmica do amor a si e ao outro ao personalismo (1948), pensamento que coloca no centro a pessoa e suas relações. Para ele, "a civilização personalista é o princípio de uma civilização comunitária, porque as pessoas alcançam a sociedade através das comunidades de pessoas, que é um novo tipo de estrutura social" (MOUNIER, 1975, p. 79).

Na perspectiva teológica trata-se de uma ética da reciprocidade que tem no centro o amor como maior valor. A reciprocidade, sob a ótica da fé em Cristo, não é a mesma do senso comum, cuja condicional é "fazermos o bem "se" recebermos o bem". Reciprocidade é dom que se reparte. Não é entendida, como na lei comum, da "gentileza gera gentileza", mas na gratuidade. Ser gentil com os outros não garante a ninguém o retorno, muitas vezes o justo padece de injustiça. A pessoa pode cultivar o espírito do amor livre sem exigir do outro que pague com a mesma moeda. É um amor sem exigências, por pura doação. Não é autorrealização que se reporta à satisfação ou o orgulho do ego, mas sim o se colocar diante do outro "acolhendo-o em sua estranheza e em sua inimizade" (DE SANTE, 2005, p. 25-26).

Há um conto que ilustra bem esta reflexão: dois enfermos terminais foram levados a um quarto de enfermaria. Havia uma janela e um deles foi colocado ali perto. O outro, com mais dificuldades, só ficava deitado. Todas as tardes, diante da janela, o colega descrevia com detalhes o que se passava lá fora: um belo parque, com árvores frondosas e um grande lago. Contava que em frente à janela ele via as pessoas caminhando com seus animais de estimação; jovens sentados entre os ciprestes e ipês e crianças alimentando os pássaros e gansos. Havia muita gente feliz. Tudo era descrito detalhadamente enquanto o outro, muitas vezes querendo aquele lugar, e imaginava a beleza do cenário. Com a morte do colega o outro reivindicou a janela. Ao se ver só no quarto, ele se apoiou com muita dificuldade sobre os cotovelos e olhou para fora. Para a sua decepção nada viu a não ser um muro (SEIB, 2006, p. 36-37).

No exercício da reciprocidade, o outro não precisa nos dar nada, basta a sua dor. A solidariedade

sem nenhuma pretensão é um gesto de amor. Não é fácil, diante de um paredão, inventar lindas histórias para que o colega termine seus dias imaginando o paraíso. Jesus fez isso: contava histórias do Reino; de um Pai amoroso aos que diante dos seus próprios interesses não deixavam a luz brilhar? Amar incondicionalmente é não depender da gentileza ou dos favores alheios. Jesus não exigiu a fórmula comum: "amor com amor se paga", mas disse que é preciso ir além: "Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam" (Lc 6,27).

"Amar alguém não é apenas um sentimento forte, é uma decisão, um julgamento, uma promessa" (FROMM, [1961?], p. 83). Amar é se abrir a si e ao outro de tal forma a deixar que uma nova relação se instaure em favor do bem comum. Estabeleceu-se a ideia de que o inimigo está fora da igreja e para ser salvo tem que se converter à "verdadeira" religião. Esta lógica pode ser contestada. Aceitar o outro não é submetê-lo à "minha" visão de mundo, muitas vezes deturpada. Como bem escreve o rabino Milton Bonder (2008, p. 131): "é a nossa própria lógica e não a do outro que gera becos sem saídas".

A doutrinação de comportamentos, enraizada na história das religiões, dificulta a abertura ao diálogo todas as vezes que se fecha à compreensão do outro. O preconceito religioso é uma atitude que, invés de ajudar na socialização das pessoas, atrapalha. Não há bem-estar que não seja pela experiência e aperfeiçoamento na relação com o próximo. No campo do próximo, a natureza, a qual São Francisco chamava de irmã, também é o outro vulnerável que merece respeito e compaixão.

#### 4 O eu-criação (Natureza)

As tragédias ambientais dos últimos anos, no Brasil, principalmente aquelas relacionadas às barragens de rejeitos de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), em Minas Gerais e as queimadas na Amazônia, fazem refletir sobre o paradoxo da ambição humana: por um lado, a busca do sucesso, da autossuperação e do bem-viver; por outro lado, a ambição pelo poder e pelo lucro que, colocada em prática, acarreta o deseque-

libro ambiental e o aumento da desigualdade socioeconômica. A teologia tem se preocupado em inserir, em suas reflexões éticas, os estudos referentes à natureza como criação de Deus, sujeito de justiça e cuidado.

A psicanálise, ao tratar do aspecto inconsciente do desejo, se abre à percepção de que o sujeito, a um só tempo, é pulsão de vida e de morte. Nessa perspectiva a ambição pode ser pensada, pois pertence ao campo do desejo. Desejo de "algo" que, uma vez alcançado, não torna menos ambiciosos os seres humanos. Esse "algo" pode estar relacionado ao ser ou ao ter. No nível do ser, está a evolução da pessoa humana, dos valores morais que visam os bem-estar do indivíduo e dos outros; no ter o desejo se orienta pela posse e, nesta perspectiva, a pulsão de vida em um indivíduo ou grupo tem como objetivo a morte do "outro".

O mapa da desigualdade mundial aponta para a realidade da ambição e a dificuldade na partilha dos bens. Os poucos mais ricos do planeta concentram a mesma riqueza da metade da população mais pobre da humanidade. Agem como imperadores, ditam políticas e influenciam governos e nações para a privatização de recursos naturais e lucro. Exaltam um sistema cuja ambição, em sua forma mais astuciosa, quer resolver os problemas imediatos, sem olhar para as consequências futuras. Tal desejo não só escraviza, mas se torna dependente daquilo que ambiciona. A ambição deve ser controlada, pois o ambicioso se mostra mais insatisfeito com o que não possui do que satisfeito com o que tem.

Esse tipo de ambição ameaça o planeta Terra. Lev Tolstói retrata bem isso em sua obra: *De quanta terra precisa o homem?* (TOLSTOI, 2009). O camponês Pahóm ouve a conversa de sua mulher com a irmã sobre as vantagens e desvantagens de se morar no campo e na cidade. Disse em voz alta que se possuísse muitas terras, nem mesmo ao diabo ele temeria. Mal sabia ele que o diabo o ouvira de trás do fogão. A partir desse momento, Pahóm começa a acumular mais e mais terras, cultivando ainda mais a ambição. À procura de se satisfazer, em um lugar distante, encontrou um chefe de aldeia que o desafiou: caso conseguis-

se, em um dia, percorrer todas as propriedades e retornar ao ponto de partida, antes do pôr do sol, ele teria terras a perder de vista. Caso contrário, ele perderia tudo. Pahóm saiu marcando suas terras, sem perceber que o sol já estava se pondo. Começou a correr desesperadamente a longa distância de volta a fim de chegar ao pondo de partida. Exaurido, mal escutou o chefe dizer que ele ganhara as terras, caiu morto.

Tolstoi faz pensar: a ganância humana, voltada para o ter, é uma paixão diabólica, não tem limites. De quanta terra precisa o homem? O que fazer para cuidar do planeta e impedir danos irreparáveis à biodiversidade? A sugestão vem da teologia. A terra é criatura de Deus, colocada ao ser humano como lugar de cuidado (Gn 1-2). Geradora de vida, os seus recursos devem ser preservados. O Papa Francisco convida a todos, cristãos e não cristãos, a uma consciência que transcenda as fronteiras do ter, em favor das gerações futuras: "O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar" (2015, p. 13).

São Tiago (Tg 3,16) escrevera que a ambição, assim como a inveja, traz confusão à fé. Ela leva as pessoas a uma visão nociva para a vida. São Paulo também escreveu a Timóteo (1Tm 6,9;10) acerca dessa confusão: "Ora os que querem se enriquecer caem em tentação e cilada, e em muitos desejos perniciosos, que mergulham os homens na ruína e na perdição". O autor de Provérbios (Pv 1,19) escreveu: "assim termina a cobiça sem medidas, tirando a vida ao seu dono" e o profeta Jeremias (Jr 22,17-19) denunciou a exploração e o lucro de poucos sobre o sofrimento dos trabalhadores: "Mas tu não tens olhos nem coração, senão para o teu lucro, para o sangue inocente a derramar, para a opressão e a violência a praticar". A ambição é comparada, por Dalai-Lama a um "barco furado". Segundo ele quem adere a essa embarcação sabe dos riscos e, com isso, navega sem tranquilidade: "desapegue-se do desejo de sobrepujar os outros. E vez disso, tente fazer o bem a eles" (DALAI-LAMA, 2008, p. 98).

Pensando nas catástrofes provocadas pela ganância humana, pode-se dizer que a ambição é, entre as paixões, a mais espoliadora dos fracos. Que o desejo de fazer o bem se direcione especialmente aos mais frágeis, à natureza e os animais: "Quer vivamos poucos anos ou um século inteiro, seria lamentável e triste passar este tempo agravando os problemas que afligem as outras pessoas, os animais e o ambiente" (DALAI-LAMA, 2008, p. 55).

A crise ecológica pela qual passamos hoje é resultado da ambição humana. Em favor dos próprios interesses o ganancioso explora o próximo e devasta a criação estabelecendo um sistema de aniquilação do outro ideal para as relações. A ambição leva à perda da admiração, do encanto e da fraternidade, como alertara Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si* (2015, p. 12). Ao negligenciar a linguagem do amor, em relação à natureza, o ser humano não passa de um dominador ou "um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos".

A mesma teologia, que confronta a ambição como um pecado, vê à luz de Deus sinais de esperança. Diante dos paradigmas tradicionais e pós-modernos que justificavam um antropocentrismo dicotômico, que entendem a natureza como objeto de domínio e exploração, surge um novo paradigma ao qual Boaventura de Souza Santos chama de "Prudente". Segundo ele, é o "paradigma de um conhecimento prudente para uma via decente". É uma nova concepção humanística que funde ciências sociais e ciências naturais colocando a pessoa, "autor e sujeito do mundo no centro do conhecimento [...] coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa" (SANTOS, 2010, p. 71-72). A natureza não é algo relegado a um mero objeto a ser explorado, mas sim deve ser respeitada e preservada como essência da vida.

### Considerações finais

A teologia, enquanto ciência, favorece uma reflexão ética que capacita a pessoa, não só a pensar e repensar sua relação com Deus, mas também com todo o ser existente do qual depende ou faz depender. Devido à complexidade do problema



optou-se por diferenciar os conceitos "indivíduo" e "pessoa" a fim de sugerir que este, enquanto ser de encontro e desencontro é essencialmente ser de diálogo. Não só vive em relação ao outro, mas o considera, o insere em sua convivência transformando em bem-comum o *ethos* que habita.

Pelizzoli, em seu livro: *A Relação ao Outro em Husserl e Lévinas* observa que o ponto de partida essencial do pensador "é a forma pura do Eu conhecedor que interroga, mais além do eu empírico ou do eu psicológico" (PELIZZOLI, 1994, p. 16). De fato, é o eu, enquanto pessoa, que transcende, vai além dos próprios limites a fim de alcançar a realidade própria do sentido ou da verdade das coisas. Na relação com Deus o que importa ao eu não é a clareza do seu conceito, mas a certeza de sua existência. É bom que o diálogo permaneça na dimensão do mistério. Tolstoi alertava sobre isso: "Não fique alarmado se a noção de Deus não lhe for claramente expressada. Quanto mais claramente ela for expressada, mais longe ela ficará da verdade, de seus fundamentos" (TOLSTOI, 2005, p. 144). Rubem Alves entendia que, para escutar o mistério, é preciso saber calar os pensamentos e os discursos: "E aí, quando se faz o silêncio dentro a gente começa a ouvir coisas que não ouvia (...). Talvez, essa seja a essência da experiência religiosa – quando ficamos mudos, sem fala" (ALVES, 2015, p. 122).

Na relação com o outro, o diálogo é o reflexo do amor incondicional de Deus pela criatura, compreendido pelo eu. No encontro com o "semelhante" o que importa não é o reconhecimento por parte do objeto amado ou ser amado na mesma proporção, mas o fato de que a pessoa, criada por amor, por amor é chamada a viver. Isso em relação também a si mesmo e à natureza. Não são poucas as comunidades que, diante da diversidade e das diferenças pessoais, escolhem amar e, através do diálogo, ultrapassam suas convicções ambiciosas em favor da preservação da vida.

## Referências

ALVES, Rubem. *300 Pilulas de Sabedoria*. São Paulo: Planeta, 2015.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOÉCIO, Severino. *La Consolazione dela Filosofia*. Gli Opuscoli teologici, A cura de Lucca Obertello. Milano: Rusconi, 1979.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989.

BONDER, Nilton. *Tirando os Sapatos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

COMBLIN, José. *Evangelizar*. Petrópolis, 1980.

DALAI-LAMA. *O Caminho da Tranquilidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade: O eu-para-o-outro*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

ESTRADA, Juan Antonio. *Imagens de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

MOUNIER, Emmanuel. *Obras Completas*. Tomo I, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1992.

FORTE, Bruno. *Um pelo outro: por uma ética da Transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GESCHÉ, Adolphe. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GESCHÉ, Adolphe. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.

JUNG, Carl G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978.

LENOIR, Frédéric. *Deus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MAY, Rollo. *O Homem à Procura de Si Mesmo*. São Paulo: Paulinas, 1971.

MOUNIER, Emmanuel. *Che cos'è il personalismo?* Torino: Einaudi, 1948.

MOUNIER, Emmanuel. *Manifesto al servizio del personalismo comunitario*. Bari: Ecumenica, 1975.

MUÑOZ, Ronaldo. *O Deus dos cristãos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Hemus, [20--].

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PANNENBERG, Wolfhart. *A Pergunta sobre Deus*. São Paulo: Novo Século, 2002.

PELIZZOLI, Marcelo L. *A Relação ao Outro em Husserl e Lévinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

PERSONA. In: MONDIN, Battista. *DIZIONARIO Enciclopédico del Pensiero di San Tommaso D'Aquino*. Bologna: ESD, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as Ciências*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARTRE, Jean Paul. *Entre Quatro Paredes*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

SEIB, Carmem. *Histórias da sabedoria do povo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUZA, José Neivaldo. *Imagem Humana à Semelhança de Deus: uma proposta de Antropologia Teológica*. São Paulo: Paulinas, 2010.

TOLSTOI, Lev. *De quanta terra precisa o homem*. São Paulo: Edipro, 2009.

TOLSTOI, Lev. *Pensamentos para uma vida feliz*. São Paulo: Prestigio, 2005.

VATTIMO, Gianni. *Crer que se crê*. Petrópolis: Vozes, 2018.

---

### José Neivaldo de Souza

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma, Itália. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino (Angelicum), em Roma, Itália. Mestre em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, no Paraná.

---

### Endereço para correspondência

José Neivaldo de Souza  
Rua Padre Anchieta, 1923, cj. 806  
Bigorriho, 80730-000  
Curitiba, PR, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*